

Israel liberta dois reféns em ação com bombardeios



Abre. Familiares de Fernando Simón Marman (à esquerda) e de Luis Har (à direita) abraçam os dois reféns no Hospital Tel Hashomer, em Ramat Gan, após o resgate por soldados israelenses no cativeiro em Rafah, sul da Faixa de Gaza

RESGATE EM GAZA

Israel retira 2 reféns em operação em Rafah que deixa dezenas de mortos

PRIMEIRA VEZ EM MAIS DE QUATRO MESES DE GUERRA EM GAZA, O EXÉRCITO DE ISRAEL LIBERTOU, ONTEM, DOIS REFÉNS EM UMA OPERAÇÃO DE RESGATE: FERNANDO SIMÓN MARMAN, DE 60 ANOS, E NORBERTO LUIS HAR, DE 70 ANOS, CIVIS E COM DÚPLA NACIONALIDADE ARGENTINO-ISRAELENSE. A OFENSIVA CONTOU COM BOMBARDEIOS AÉREOS E DE ARTILORIA COMO MANOBRA DE DISTRACÃO E DEIXOU AO MENOS 67 PESSOAS MORTAS E DEZENAS DE FERIDOS, DE ACORDO COM O MINISTÉRIO DA SAÚDE DE GAZA, CONTROLADO PELO GRUPO TERRORISTA HAMAS.

O total, no entanto, pode ser ainda maior, segundo o Crescente Vermelho Palestino, que contabilizou mais de 100 mortos após os ataques. A diferença na contagem pode ser explicada porque as autoridades de Saúde em Gaza só conseguem atualizar o balanço depois de identificar os corpos. Apesar disso, ambos os órgãos alertaram que o número provavelmente aumentará, já que é possível que ainda haja várias pessoas nos escombros.

'INTENSA POTÊNCIA DE FOGO'
Do lado de Israel, o porta-voz do Exército, Daniel Hagari, reconheceu o uso de uma "intensa potência de fogo", afirmando que ela foi necessária para realizar "uma complexa operação de resgate no coração da cidade de Rafah". O porta-voz acrescentou que a ação foi realizada com base em informações de inteligência "altamente sensíveis e valiosas", envolvendo o Shin Bet (o serviço de segurança interna de Israel), forças especiais da polícia e uma brigada de tanques das Forças Armadas.

As operações começaram logo no início da madrugada, quando soldados israelenses invadiram um prédio onde os dois reféns estavam detidos no segundo andar, "nas mãos de terroristas", disse Hagari. Cerca de um minuto depois, as forças israelenses dispararam contra edifícios próximos, num esforço para interromper as comunicações do Hamas e permitir que os soldados reti-



Desespero. Família palestina de Rafah diante da ameaça israelense de iniciar uma invasão por terra na cidade que virou refúgio para mais de um milhão

rassem os reféns com segurança, disse o porta-voz, acrescentando que aviões de guerra de Israel dispararam contra alvos do grupo fundamentalista islâmico na área.

Ambedois reféns foram levados para um local seguro em Rafah para atendimento médico e depois transportados de avião para fora de Gaza, por helicóptero. Os dois estão em bom estado de saúde, confirmou o hospital após uma primeira revisão. Eles são cidadãos e foram capturados no ataque de 7 de outubro em um kibutz próximo a Gaza.

Além deles, três parentes foram feitos reféns: Clara Marman, esposa de Luis, sua irmã, Gabriela Leimberg, e a filha adolescente desta última, Mia Leimberg. As três, também de nacionalidade argentina, voltaram para casa no fim de novembro, quando Israel e Hamas trocaram 105 reféns por 240 prisioneiros palestinos. O Gabinete da Presidência da Argentina expressou gratidão pela operação. Cerca de 10 cidadãos argentinos foram levados ao todo como reféns. Imagens de drones divulga-

Biden e rei Abdullah II discordam

> O rei Abdullah II da Jordânia aploou por um cessar-fogo total para pôr fim à guerra em Gaza após conversações com Joe Biden num posicionamento discordante do presidente dos EUA, que defende uma pausa mais curta de "pelo menos seis semanas", para permitir que Israel tenha tempo para derrotar o grupo terrorista Hamas.

> Falando na Casa Branca com Abdullah II à seu lado, Biden disse que os EUA trabalham para negociar uma pausa como parte de um acordo mais amplo que também envolveria a libertação de reféns.

> Além disso, ele mencionou que os civis na cidade de Rafah, no sul, "devem ser protegidos" enquanto Israel considera uma incursão terrestre na área densamente povoada, onde mais de um milhão de pessoas se refugiam.

> Por sua vez, o rei alertou contra qualquer ofensiva. Abdullah disse que o mundo "não pode permitir um ataque israelense à Rafah, pois é o que produzirá outra catástrofe humanitária".

> Precisamos de um cessar-fogo duradouro agora. Esta guerra deve acabar — disse o rei.

> Por sua vez, o diretor da CIA, William Burns, é esperado no Cairo hoje para uma nova rodada de negociações. O esboço do acordo — discutido pela primeira vez em Paris entre autoridades israelenses, catáris, egípcias e americanas — foi organizado em etapas e originalmente suspenderia combates por três meses, permitindo a troca de reféns e prisioneiros palestinos, bem como a entrada de mais ajuda humanitária em Gaza.

> O premier de Israel, Benjamin Netanyahu, no entanto, chamou de "delirante" a contraproposta feita pelo Hamas.

das pelos militares israelenses pareciam mostrar cerca de uma dúzia de soldados entrando em um prédio a pé por uma rua repleta de casas isoladas e com telhados planos. Outras imagens mostraram uma explosão no prédio vizinho, causada pelo que os militares disseram ser um ataque israelense. Como resultado, vários edifícios de concreto foram gra-

vemente danificados, um deles reduzido a escombros. Também foram reportados ataques a duas mesquitas. — Jun por Dns que foi uma noite indescritível — disse Ghada al-Kurd, 37 anos, que está entre mais de um milhão de pessoas abrigadas na cidade do sul de Gaza, dos 2,3 milhões totais do enclave. — Os bombardeios estavam por to-

do lado. Estávamos convencidos de que o Exército israelense estava invadindo Rafah. Maher Abu Arar, porta-voz do Hospital do Kuwait na cidade, disse que a unidade recebeu pelo menos 15 corpos e 50 feridos após os ataques "sucessivos e repentinos". A operação representou um sucesso incomum em um momento de dívidas internas so-

bre a estratégia bélica israelense. Em outubro, após o ataque surpresa do Hamas a Israel, mais de 240 pessoas foram feitas reféns. Mas, em 129 dias de guerra, as Forças Armadas do país só haviam conseguido resgatar um soldado. O Exército reconheceu tentativas de resgate que acabaram em fracasso, e assumiu ter matado por engano ao menos quatro sequestrados.

Com 14 milhões de pessoas e único refúgio dos palestinos fugindo da guerra, a cidade no sul da Faixa de Gaza e que faz fronteira com o Egito tem sido apontada como próximo alvo de uma ampla ofensiva terrestre de Israel, apesar de grupos de ajuda, a ONU, os EUA e outros países alertarem para uma "catástrofe humanitária", sublinhando que os civis que estão lá não têm para onde ir.

Diante do cenário e da iminente operação terrestre em Rafah anunciada por Israel, o promotor do Tribunal Penal Internacional (TPI), Karim Khan, advertiu no X (antigo Twitter) que "quem violar a lei será responsabilizado".

'LEVAR PARA LUÁ'

A "possibilidade de uma verdadeira incursão militar em Rafah é assustadora", alertou Volker Türk, alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, ontem, no X. Por sua vez, o chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell, também criticou a intenção do governo israelense de retirar os residentes de Gaza.

— Para onde vão evacuá-los? Para Luá? — perguntou. Maior aliado de Israel, os EUA já alertaram que os planos para invadir Rafah poderiam causar um "desastre". O porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, reiterou rapidamente que é necessário um plano "cívil" para manter os civis seguros e que uma nova trégua de quatro meses "é possível".

No domingo, o presidente Joe Biden disse a Netanyahu que uma operação militar em Rafah não deve acontecer a menos que haja um plano "garantido e seguro" da população. Netanyahu insiste que apenas "a pressão militar contínua, até a vitória completa, resultará na libertação de todos os nossos reféns". Cerca de 100 reféns foram soltos numa trégua de sete dias em novembro. Contudo, segundo o NYT, a inteligência israelense concluiu que ao menos 30 dos 136 reféns restantes morreram desde o início da guerra.

Nesse cenário, as famílias dos reféns pressionam o governo a priorizar as negociações para sua libertação. (Com NYT, El País e AFP)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 11